

Aprovada na 844ª Sessão

ALADI/CR/Ata 842
(Extraordinária e Solene)
16 de agosto de 2003.
Horas: de 11h10m a 13h30m

ATA DA 842ª SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA E SOLENE,
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Rafael Chávez Frías.

Preside:

BERNARDO PERICÁS NETO

Assistem: Juan Carlos Olima, Ricardo Hartstein, Rubén Javier Ruffi e Marcelo Fabián Lucco (Argentina), Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), Bernardo Pericás Neto, Afonso José Sena Cardoso e Haroldo de Macedo Ribeiro (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda e Axel Cabrera (Chile), Claudia Turbay Quintero e María Claudia Garavito Triana (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren e Julio Prado Espinosa (Equador), Jesús Puente Leyva e César Manuel Remis Santos (México), José María Casal, Nancy Doria de Guggiani e Luis Alfonso Copari (Paraguai), William Belevan Mc Bride, Eric Anderson Machado e Ricardo B. Romero Magni (Peru), Agustín Espinosa Lloveras e Tabaré Bocalandro Yapeyú (Uruguai), Nancy Unda de González e Magdalena Simone, (Venezuela), Napoleón Álvarez Alvarado (Honduras), Wang Yogzhan (República Popular da China), Eugene Ionele (Romênia), Yan Burliy (Rússia), José Fiusa Lima (OMS/OPS), e Katiça Cekalovic (PNUD).

Comitiva Oficial: Roy Chaderton Matos, Ministro das Relações Exteriores; Efrén Andrades Linares, Ministro da Agricultura e Terras; Rafael Darío Ramírez, Ministro de Minas e Energia; Jesse Chacón, Ministro da Comunicação e Informação; Jorge Giordani, Ministro do Planejamento e Desenvolvimento; Francisco Natera, Ministro de Estado; GD Francisco Rangel, Presidente da CGV; Víctor Álvarez, Vice-Ministro da Indústria; e GB Felix Velásquez, Chefe da Casa Militar.

Convidados especiais: Guillermo Vallés, Ministro Interino das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, e Tarek William Saab Halaba, Deputado.

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía e María Teresa Freddolino.

PRESIDENTE: Dou início à 842ª Sessão, Extraordinária e Solene, para receber o Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana de Venezuela, Senhor Ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Senhor Ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Senhor Ministro da Agricultura e Terras, Senhor Ministro de Minas e Energia, Senhor Ministro das Comunicações e Informação, Senhores Representantes Permanentes, Senhor Secretário-Geral da ALADI, Senhora e Senhor Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Observadores, autoridades, senhoras e senhores,

O Comitê de Representantes da ALADI sente-se honrado ao receber, pela segunda vez, a visita do Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez. Para mim, muito especialmente, é uma grande honra ter a oportunidade de dar-lhe as boas-vindas na dupla condição de Presidente do Comitê de Representantes e de Representante Permanente do Brasil junto à ALADI.

Ao tornar a esta Casa da Integração Latino-Americana, Senhor Presidente, Vossa Excelência reafirma com seu gesto a vocação integracionista da Venezuela e, ao mesmo tempo, confirma sua trajetória pessoal, reconhecidamente dedicada ao ideal bolivariano de união dos povos de nosso continente.

Na condição de Chefe de Estado de um dos países-membros da ALADI, mas também na de amigo e entusiasta da integração latino-americana, Vossa Excelência visita este Comitê em um momento de especial transcendência na história da Associação.

Em cumprimento do mandato outorgado pelo Conselho de Ministros das Relações Exteriores da ALADI, o Comitê de Representantes concentra no momento o melhor de seus esforços na elaboração de um relatório que contenha as bases para a conformação progressiva de um espaço de livre-comércio entre os doze países-membros. Trata-se, como Vossa Excelência bem sabe, de uma iniciativa de grande relevância política e econômica, que tem como objetivo fundamental completar os esforços em favor da integração latino-americana na área comercial, iniciados há 43 anos com a criação do sistema ALALC-ALADI.

Estou seguro de que sua presença hoje neste Plenário, assim como a mensagem que nos transmitirá, servirão de estímulo para todos nós na consecução dessa importante tarefa.

Senhor Presidente, como brasileiro, é para mim uma satisfação especial cumprimentá-lo nesta oportunidade. As relações entre o Brasil e a Venezuela alcançaram um nível de excelência do qual podemos nos orgulhar. Juntos avançamos muito na implementação de dinâmicas de cooperação e integração em áreas tão distintas como são o comércio de energia elétrica, a interconexão da infra-estrutura viária dos dois países ou o fortalecimento de mecanismos de cooperação em matéria de segurança e defesa na região amazônica. Tudo isso se construiu sobre a base da amizade genuína entre nossos povos, que têm como símbolo a figura histórica de José Inácio de Abreu e Lima, brasileiro, general de Bolívar, ao lado de quem permaneceu até a morte do Libertador, em 1831.

Senhor Presidente, assim como a Venezuela, os demais países-membros da Associação acreditam firmemente na integração latino-americana e estão buscando aprofundá-la. Tenho certeza de que tanto na ALADI quanto no âmbito das negociações MERCOSUL-CAN, e também dos acordos bilaterais entre nossos países, todos teremos a oportunidade de dar passos históricos na direção em que apontou o Libertador. Como afirmou o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, "buscar converter em realidade o sonho bolivariano de unidade continental é um imperativo para os países da região".

Seja muito bem-vindo à ALADI, senhor Presidente.

- Aplausos.

Ofereço a palavra ao senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL: Obrigado.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Rafael Chávez Frías, Senhor Presidente e demais membros do Comitê de Representantes. Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores e demais membros da Comitiva Oficial do Presidente Chávez, Senhor Ministro encarregado das Relações Exteriores do Uruguai, Senhores Representantes dos Países e Organismos Observadores, membros

corpo diplomático, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, convidados especiais, colegas da Secretaria, senhoras e senhores,

Presidente Chávez, com grande orgulho e satisfação damos a Vossa Excelência, pela segunda vez, nossas mais cordiais boas-vindas a esta Sede. Foi em fevereiro de 2000 que tivemos a oportunidade de recebê-lo pela primeira vez e, agora, três anos e meio depois, volta a honrar-nos com sua presença.

Para a Associação, esta sua nova visita constitui um fato inédito e reveste-se de especial relevância ao produzir-se em momentos em que, precisamente, os órgãos políticos da ALADI têm em suas mãos a possibilidade de dar um passo transcendental para a concretização do objetivo superior do Tratado de Montevidéu 1980, nossa carta fundadora.

Senhor Presidente, não é segredo para ninguém aqui presente as sérias dificuldades enfrentadas pela maioria dos países da região. Nesse contexto é que vimos desenvolvendo as ações de nossa organização e que, sem sombra de dúvidas, condicionará as decisões que se adotem no futuro imediato.

A América Latina enfrenta hoje inumeráveis desafios. No plano externo, melhorar seu posicionamento no sistema mundial. No plano interno, retomar o caminho do desenvolvimento que permita eliminar a pobreza crítica e reduzir a exclusão social que caracteriza a região.

Para fazer face a esses desafios, as estratégias nacionais devem ser reformuladas em termos de integração, de forma tal que se potencialize a capacidade negociadora e se possibilite o desenvolvimento equitativo da região latino-americana.

Para tanto, estamos obrigados a recuperar a dimensão multilateral da integração através, em uma primeira etapa, da estruturação de um espaço de livre-comércio com base na solidificação das inter-relações já existentes e acelerando os processos de negociação atualmente em curso. Entretanto, demonstrou-se que essa pré-condição necessária não é suficiente para garantir que os objetivos sejam plenamente alcançados.

A preocupante realidade latino-americana obriga-nos, igualmente, a aprofundar a cooperação de nossos países em diversas áreas, dispondo de mecanismos que, não apenas, nos permitam enfrentar a volatilidade dos fluxos financeiros, mas que também sejam propícios para incrementar nossa competitividade. O desenvolvimento conjunto de projetos produtivos e de integração física que estimulem os investimentos e a geração de empregos, a cooperação científica e tecnológica, a adequação dos sistemas de telecomunicações às novas tecnologias, o desenvolvimento digital, e os programas educacionais e culturais constituem, dentre outros, os elementos que deverão conjugar-se entre si para promover uma ampla mobilização social entorno da integração. Somente assim poderemos conceder o caráter político que determina a essência de todo projeto de integração.

Senhor Presidente, nossos recursos estão sendo empenhados para transitar as vias que tornem efetivo o aporte da integração ao desenvolvimento de nossos povos. Na Secretaria-Geral não poupamos esforços para apoiar as instâncias decisórias da Associação na reformulação do processo de integração para adequá-lo às exigências da realidade regional.

Temos esperança que os esforços realizados não caiam no vazio e que a decisão política comece a responder às expectativas que criamos em todas as nossas sociedades.

Presidente Chávez, compatriota e amigo, como Secretário-Geral da ALADI, não posso deixar de agradecer sua visita, ao senti-la como mais uma demonstração do apoio que Vossa Excelência e vosso Governo ofereceram-me no desenvolvimento de minha gestão. Além disso, como venezuelano sinto uma imensa satisfação de tornar a recebê-lo entre nós.

Estou consciente das horas difíceis que, ainda que de longe, vivemos e, seguramente, viveremos outras mais, talvez muitas. Porém, a Venezuela do futuro, nosso futuro país, reconhecerá os esforços e o empenho em construir, no âmbito da democracia, uma sociedade mais justa, sem exclusões, e por trazer ao presente os esquecidos de sempre. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DA VENEZUELA (Hugo R. Chávez Frías): Muito obrigado, senhor Presidente. Bom dia a todos.

Excelentíssimo senhor Embaixador Guillermo Vallés, Ministro das Relações Exteriores Encarregado da República Oriental do Uruguai, Senhores Representantes de Instituições Públicas e Entidades Autônomas da República Oriental do Uruguai, Senhor Presidente e demais membros deste Comitê da ALADI, representantes de Instituições Privadas, Bancos, Universidades, Senhor Secretário-Geral, amigo e compatriota, Embaixadores, Embaixadoras, Diplomatas, Convidados especiais, amigos dos meios de comunicação, amigas e amigos todos, compatriotas, colegas da Delegação, Chanceler e Ministros venezuelanos,

Tenho muito prazer em estar aqui de novo. Estava recordando a primeira vez que vim a Montevideú, recém saído da prisão, lá por 1994, e gostei muito desta cidade e desta terra. Agora, depois de 3 anos e meio daquele nosso primeiro contato, aqui mesmo na ALADI, e depois de tantos acontecimentos, parecem um século esses três anos e meio, ou melhor, parecem três séculos; quantas coisas aconteceram. O tempo é relativo, Einstein tinha razão, há dias que parecem um século e há séculos que parecem um dia.

Tenho muito prazer em estar aqui. Cumprimentar todos, o povo do Uruguai, seu Governo, suas Instituições e os senhores Representantes destes nossos 12 países-membros desta Associação Latino-Americana de Integração, a qual acaba de fazer agora 23 anos; há pouco celebraram 23 anos e pode-se dizer, do meu ponto de vista, que é reconhecer como têm lutado desde então nossos latino-americanos, concebidos para pensar e para recomendar aos tomadores de decisões políticas acerca de tudo, recomendar caminhos, alternativas, como têm sobrevivido.

Sobreviveram ao bombardeio, ao bombardeio inclemente da pretensão irracional de impor a nós o pensamento único, de dizer ao mundo que havia chegado o fim da história, que já não havia mais o que pensar, para que pensar? Tudo já tinha sido pensado. Nunca esquecerei o dia em que chegamos a um país X do outro lado do globo terrestre, e me acompanhava, como sempre, um grupo de companheiros, de Ministros e funcionários do Governo, que fui apresentando, um por um, ao Chefe do Governo daquele país, um deles era o Ministro Giordani, que está aqui, o Ministro do Planejamento, e recordo quando o apresentei, “este é o Ministro do Planejamento”, recordo que me comentou aquele Chefe de Governo: “Planejamento? E para quê?” Nunca me esquecerei o rosto do Ministro Giordani, ele é muito educado, um cavalheiro, não respondeu nada.

Planejamento para quê? Neoliberalismo, pois, essa coisa nefasta, essa tese fundamentalista que caiu sobre nós como sete pragas e outras mais, e pretendeu apagar do mapa toda noção de planejamento de política, a *polis*, toda a história pretende apagá-la, o neoliberalismo, tudo o que é a ciência e a *praxis* política, a racionalidade, a diversidade, a soberania, a constituição, as leis, os povos. Tudo isso quer desconhecer o neoliberalismo. Assim que lhes felicito, porque, do meu ponto de vista, os senhores cruzaram uma época muito difícil e a cruzaram sobrevivendo, e a ALADI chegou há 23 anos e creio que agora é o momento de a ALADI “fazer”.

Como disse Martí falando de Bolívar um dia, creio que foi em 28 de outubro de 1883, em Nova York, que José Martí lançou aquela frase: “Agora é o momento de Bolívar ‘fazer’ na América”. Permito-me extrapolar a frase de Martí para dizer que agora é o momento de a ALADI fazer na América Latina muito mais do que o que ela fez nos 23 anos passados.

E digo isto porque se vai sentindo o clima, vai-se sentindo o ambiente, vai-se sentindo, como diria Asturias, o vento forte que começa a soprar. Ninguém pode negar a força dos ventos de mudança que começam a soprar de novo neste continente, quem não quer vê-lo, que não o veja, mas como diz a Bíblia: “quem tem olhos, que veja, quem tem ouvidos, que escute”. E não são novos ventos, eu comentava com alguns jornalistas agora no aeroporto, não, são os velhos ventos que voltam.

Eu quero, começando estas palavras, meu amigo, o Embaixador Rojas Penso disse-me que teria 20 minutos, disse-lhe, impossível, rebelo-me, alço-me aqui contra a ALADI, 20 minutos, disse-lhe, será a introdução, porque quantas coisas devem ser ditas aqui, e refletidas. Agradeço muito o convite, faz tempo que tinha vontade de voltar.

Quero começar rendendo tributo e invocando a memória de um grande dos nossos, do Uruguai e da nossa América, José Gervasio. José Gervasio Artigas, há cerca de 190 anos, estava sitiando Montevideú, estava diante de Montevideú, não sei em que lugar exato, mas estava por aí com seu exército de povos, de índios, de negros, de ex-escravos, descalços, às vezes em farrapos, às vezes desnudos. Ao mesmo tempo em que José Gervasio Artigas sitiava Montevideú, ele convocou um Congresso de povos e disse que os índios mandassem seus representantes, e que eles fossem escolhidos lá, em seus povoados, segundo seus métodos, mas que viessem aqui. Assim, lançava os princípios do que bem podemos chamar de um sistema de pensamento artiguista, pensamento autóctone e próprio destas terras e desta história, deste barro e desta dor de 500 anos de exploração e de colonialismo.

Quando Artigas dizia, por exemplo, que é preciso mudar a ordem da justiça para que os excluídos de sempre passem a ser privilegiados, lançava as bases desse pensamento naquele Congresso, idéias do que deveu, melhor, pôde conformar-se como as bases constitucionais de um grande projeto, o direito à felicidade, dizia Artigas, um direito natural, o direito à felicidade, o direito à igualdade, os direitos naturais do homem, do ser humano.

Ao mesmo tempo em que Artigas estava lutando com seu exército multiétnico e pensando e propondo nos Congressos as bases constitucionais, nos mesmos dias, há 190 anos, Simón Bolívar estava cruzando o Magdalena, estava cruzando os Andes, conduzindo a chamada Campanha Admirável, que o levou a Caracas naqueles dias de agosto e foi proclamado Libertador, naquele ano de 1813.

E ao mesmo tempo, em todos estes países, havia povos e exércitos fazendo a guerra contra o império, que tinha 300 anos. 300 anos desmoranando-nos, 300 anos destruindo esta terra e destruindo a civilização que aqui existiu muito antes que aquele Almirante

chegasse aqui, pensando que havia chegado à Índia, com um pequeno erro geográfico na bússola, e começou o atropelo maior, o genocídio maior de que se tem memória na história dos séculos, o genocídio americano, que se quis esconder detrás da historiografia oficial, com o chamado descobrimento da América. Que descobrimento? De que América? A América estava aqui e não era América tampouco. Foi uma invasão, foi um atropelo, e nós, os latino-americanos, creio que estamos obrigados a recuperar nossa memória histórica, porque ela foi apagada de nós, como se apaga de um computador, igual. Apagaram nossa memória histórica e colocaram-nos a fazer as honras àqueles que nos atropelaram. Eu, quando era cadete, já há alguns anos, nunca entendia; certa ocasião fui punido, porque perguntei por que íamos desfilarmos diante de uma estátua que tem em Caracas de Cristóvão Colombo, no Paseo Colón, na Praça Venezuela. Ali tem um busto do Almirante e nos levavam a desfilarmos e a render-lhe homenagens, eu nunca entendi aquilo. Render homenagens a quem dirigiu ou a um dos que dirigiu a invasão e o atropelo e o genocídio?

Por isso, nossa revolução há apenas um ano e tanto mudou o sentido do 12 de outubro de dia do descobrimento para dia da resistência indígena, porque como eles resistiram, os avós de nossos avós. Se a alguém se tinha de render homenagens *per secula seculorum*, erguer um monumento que chegasse ao céu é a nossos indígenas, a nossos aborígenes, que souberam resistir heroicamente àquele atropelo, àquele genocídio.

Quando, algum dia, apaguemos da mente, do coletivo de nossos povos, e já não será nossa geração, serão gerações um pouco mais adiante, quando se apague a ideologia injetada do colonialismo e a alienação que durante séculos nos injetaram e se limpe o horizonte dessas nuvens, haverá que reconhecer, primeiro, isso que já disse, o genocídio maior que conhece a história, que fez a Europa quando invadiu este continente e o irmão continente africano. E também aparecerá claramente no horizonte a grandeza e a epopéia de nossos pais aborígenes, com justiça, com justiça.

Alguns se incomodam. Uma vez eu estava dizendo estas coisas em alguma Cúpula e surgiu um incômodo de alguém, eu disse: não, eu estou falando de algo que aconteceu há 500 anos. Mas dizia José Gervasio Artigas também, “com a verdade, nem ofendo, nem temo”. Não foi minha a culpa de que isso tenha ocorrido, oxalá não tivesse ocorrido, mas ocorreu. E para que os latino-americanos, os caribenhos, nos reencontremos com nós mesmos, de verdade, nos entendamos verdadeiramente, e mais, muito mais que isso, para que consigamos as chaves para decifrar os enigmas de nosso passado e rumar para um futuro melhor, devemos não apenas dizer estas verdades, mas cada dia conhecê-las mais e cada dia senti-las mais, e não seguir repetindo as grandes mentiras que nos vêm ensinando há 200 ou mais anos.

Assim que, honrar esses nossos Libertadores, honrar essa resistência, quero fazê-lo, com a permissão dos senhores, nesta sede da ALADI.

Agora, dizia que esses novos ventos não são novos de verdade, que são velhos. Há que recordar que quando tristemente o exército de Artigas foi derrotado e se desmembrou, uma coluna daquele exército cruzou os Andes, percorreu não sei quantos mil quilômetros e foi-se unir ao exército que comandava o Marechal Antonio José de Sucre antes de ser Marechal, em Pichincha, um grupo de uruguaios, um grupo de paraguaios destacaram-se ao lado de Sucre e dos homens e mulheres que vinham, da Venezuela para o sul, em busca da integração libertadora. Desse esforço surgiu o caminho, e foi Bolívar quem soube percorrê-lo e leva-lo mais longe, projetar mais longe e mais claro; mas todos pensaram, de uma ou de outra maneira, o mesmo projeto.

O senhor fala, senhor Presidente, desse grande pernambucano a quem rendemos tributo há pouco, o companheiro Lula e este servidor, lá em Pernambuco, o General revolucionário e bolivariano, José Inácio de Abreu e Lima, grande entre os grandes. Pouco conhecido, porque nos apagaram nossos pais e nos venderam outros pais, de outras culturas. Aquele de Abreu e Lima é impressionante, a sua história é impressionante. Derrotado numa revolução em Pernambuco, assassinado seu pai, foi-se para o Caribe e aos 20, 21 anos, era quase um menino, uniu-se a Bolívar lá no Orinoco. Foi redator do Correio do Orinoco, fez-se General em batalhas, esteve em Carabobo, na batalha da Independência da Venezuela.

Esteve na cruzada dos Andes, uns anos antes, esteve na batalha de Boyacá, a batalha que libertou Nova Granada, a batalha que libertou a Venezuela, e depois, como o senhor bem o recordava, quando Bolívar foi traído e expulso da Venezuela, não pelos espanhóis porque eles já haviam sido expulsos pelo povo em armas, Bolívar foi-se quase solitário para morrer em Santa Marta e exclamar cheio de amargura, “arei no mar”, a seu lado, o pernambucano. E depois de morto Bolívar, declarou-se o pernambucano, junto com 4 ou 5 outros, protetor com sua própria vida das cinzas de Bolívar.

Poucos dias depois, expulsaram-no de Nova Granada; como expulsaram Manuela Sáenz, a inseputa, de Paíta, a Libertadora do Libertador, a quitenha imortal; como assassinaram Antonio José de Sucre, aos 35 anos foi assassinado pelo braço da oligarquia, assassina e traiçoeira, a mesma que expulsou Bolívar, a mesma que expulsou Manuela, a mesma que expulsou Simón Rodríguez, o Samuel Robinson, o ancião morreu por lá em um rio, ninguém lhe dava a mínima. Depois de morto Bolívar, despedaçou-se o projeto e tudo o que cheirasse a Bolívar e a bolivarianismo foi desterrado, assassinado, expulso, enterrado.

Nós hoje somos herdeiros dessa tragédia, outra seria nossa história e a história deste Continente, se aqueles velhos ventos tivessem transcendido à concretização do projeto de Bolívar.

Bolívar o levou mais longe, dizia, mas absorveu de todos, certamente de Miranda, bebeu na fonte do velho Miranda. Aos 60 anos voltou Miranda à Venezuela, depois de vários anos, havia ido muito jovem, porque não era muito querido pelos Mantuanos em Caracas. O venezuelano mais universal, sem dúvida, pouco reconhecido, Miranda, porque também o apagaram da memória histórica. Hoje o estamos recuperando, recuperando e devolvendo-lhe seu lugar na história. Chefe de tropas e líder da Revolução de Independência dos Estados Unidos, ao lado de Washington, lá esteve Miranda.

Havia estado em Cuba um pouco antes e depois, em poucos anos, aparece lá na Corte de Catarina, a Grande, e depois na Revolução Francesa, chegou a Marechal da França, Comandante do Exército do Norte e, depois de alguns anos, Generalíssimo na Venezuela. O homem esteve nas três grandes revoluções de seu tempo.

Bolívar tomou de Miranda a idéia da Colômbia. O primeiro, de que se tem memória e referência, que falou da Colômbia foi Miranda, quando editava em Londres um periódico chamado “El Colombiano”, e a suas memórias deu o nome de Colômbia e falava do Incanato para recuperar as mais profundas tradições do que foi o Império Inca.

Bolívar absorve e converte aquele sonho em território liberado, converte-o em exército, em povo, converte-o em canções, converte-o em repúblicas, em constituições. Mas aquilo não era suficiente, ele sabia, e quando convocou o Congresso do Panamá, quase ao mesmo tempo em que James Monroe lançava, lá na América do Norte, aquele terrível bordão, que ainda soa como uma ameaça para milhões de nós, “A América para os

americanos”, ao mesmo tempo Bolívar dizia no Sul, a América do Sul para os sul-americanos e converteu-se Bolívar, então, em um perigo para os interesses hegemônicos das oligarquias crioulas e também do poder nascente nos Estados Unidos.

Bolívar chocou-se com os interesses da América do Norte, foi tão forte que uma carta dirigida a um amigo dizia, lá por 1825, uma frase que tristemente converteu-se em profecia: “os Estados Unidos da América do Norte, escreveu textualmente assim, parecem destinados pela providência a flagelar a América de misérias em nome da liberdade”. Profético. O que aconteceu nesses quase 200 anos? E precisamente convocou então o Congresso do Panamá e, vendo o mapa, teve a visão geopolítica muito clara. O Panamá, os senhores todos sabem que naquela época o Panamá era parte da Grande Colômbia, só que depois houve aquela independência, mas foi induzida e em pouco tempo apareceu o Canal. Graças a meu General Torrijos, que conseguiu fazer uma boa negociação e devolveu aos panamenhos seu Canal e a soberania do território do Panamá. Mas Bolívar dizia: o Istmo de Panamá deve ser para nós o que foi o Istmo de Corinto para os gregos: lugar de anfictionia, de encontro, de povos, de governos, e convocou com uma grande esperança aquele Congresso Anfictiônico. Mas Bolívar dizia com muita clareza que formássemos a liga mais poderosa que se recorde de nações, a Liga das Nações. Não estava falando de livre-comércio, é mentira quando dizem que estamos perseguindo os sonhos de Bolívar com a ALCA, mentira, mentira, não é isso, essa é a inversão, esse é o antibolivarianismo que assume o discurso bolivariano.

Velho truque das oligarquias, como ocorreu na Venezuela. Mataram Bolívar e depois disseram: Viva Bolívar! E o utilizaram e o converteram em mármore. Hoje está de volta a profecia de Neruda, creio que tinha ou tem ainda valor hoje, em seu canto a Bolívar: “Desperto a cada cem anos, quando despertam os povos”.

Bolívar está vivo, converteu-se, como disse o índio aquele, que cortaram em pedaços os imperialistas espanhóis, quando o estavam cortando, quando o estavam desmembrando, gritou: “morro hoje, mas algum dia voltarei como milhões”. Eles voltaram como milhões. Ninguém irá parar estes ventos, a cada dia serão mais fortes na América Latina, está apenas começando o vendaval, apenas está começando o vendaval.

São necessários líderes para entender o vendaval...

- Aplausos.

Não são necessários mercadores, nem comerciantes, até Cristo os expulsou do templo um dia. Embaixador, o senhor que sabe tudo, Puente Leyva, Cristo um dia pegou um açoite e os expulsou a açoitadas, eu sou muito cristão, creio que a doutrina de Cristo, hoje, como bandeira de transformação e de justiça tem mais vigor do que nunca nos dois milênios depois do nascimento de Cristo. Fora, fora do templo os mercadores! Mancharam a honra da Casa do Pai.

Agora, o sonho de Bolívar, o Congresso do Panamá fracassou? Não é certo que Bolívar seja o pai do pan-americanismo, outra das grandíssimas mentiras que nos venderam. Creio que se reviram as cinzas de Bolívar lá no Panteão de Caracas cada vez que alguém repete que o Congresso do Panamá é ou foi a primeira versão do pan-americanismo de hoje, não, é totalmente o contrário.

Por isso que nós, os venezuelanos de agora, assumimos um papel de revisão dessas raízes e de reconexão com essa história real e de construção de um projeto, um projeto que, afortunadamente, fez-se Constituição, aqui está o projeto. Por isso, os golpistas de

abril, a primeira coisa que fizeram depois de terem conseguido chegar ao Palácio, ainda que o whisky que haviam mandado comprar, assim como o champanhe, não puderam sequer servi-lo, deixaram ali, ante ao furacão, ao vendaval. Eles não contavam com o vendaval do povo, e esse vendaval os tirou do Palácio; a primeira coisa que fizeram foi, em um decreto que ficou para a história do fascismo, do golpismo e do gorilismo e de tudo o que representa essa visão oligárquica, excludente e negadora da soberania de um povo, desconhecaram esta Constituição, disseram, restitui-se a Constituição anterior e a República recupera seu nome e retiraram-lhe o nome de Bolivariana. Aqui está esse projeto, custou um tempo e um grande esforço.

Agora este projeto não é só este projeto, este projeto é parte de um esperado, concebido projeto muito maior, é só uma peça do tabuleiro. Até agora tem sido muito incômoda, por isso eu a carrego sempre e frente aos neoliberais, assim como frente aos vampiros, puxo a cruz e eles se retorcem, se retorcem, já o comprovei. Alguns têm enxaqueca, insônia, porque este projeto é antineoliberal.

Aqui, por exemplo, proíbe-se expressamente a privatização dos sistemas de seguridade públicos, que caíram nas mãos de oligarquias, de mercadores. Aqui se proíbe a privatização das empresas básicas do Estado, como a Petróleos da Venezuela, e daí vem o golpe. Querem a PDVSA, uma das maiores reservas de petróleo do mundo, um golpe petroleiro também, mas, enfim, Bolívar propunha a integração sim.

Quando se fala de integração, nós aplaudimos sim, mas também perguntamos de que integração estamos falando.

Ontem houve uma reunião de Presidentes, a mais fugaz, acredito, que jamais houve e haverá em Assunção, depois do almoço convidaram-nos para uma reunião CAN–MERCOSUL. Eu inclusive tive que suspender com muita pena alguns compromissos com alguns setores sociais e políticos do Paraguai e com a Confederação Sul-Americana de Futebol para esperar a reunião e qual é a agenda? Vamos falar do CAN–MERCOSUL.

Recordo que Uribe me disse: “eu já vou, Chávez”, e em seguida: “não, fico”, porque havia essa reunião e quando nos sentamos, depois de uma espera de hora e tanto, duas horas, se lê um documento de uma página, alguma pergunta? Quem ia perguntar algo? Ninguém perguntou nada, então terminou a reunião, creio que durou dois minutos e, em seguida, houve um aplauso.

Eu não acredito nessa integração assim. Assim eu digo, disse em Bogotá, disse em Lima, disse em Caracas, disse em Brasília e digo aqui, com a verdade em que acredito nem ofendo, nem temo, apenas alerto.

Não acredito que seja possível a integração no âmbito do neoliberalismo. O neoliberalismo é desintegrador, é desintegrador, é contrário ao espírito da integração, baseia-se no individualismo, baseia-se na competição, é elitista, é antidemocrático, não leva em conta a opinião. A quem perguntamos? A que povo perguntou-se? A que camponês convocou-se para que opine sobre a união CAN–MERCOSUL? A que trabalhadores? Que seminário se fez para pedir opiniões de trabalhadores, jovens, estudantes, universidades, donas de casa, intelectuais, pensadores, críticos? Não, às vezes cremos que temos a verdade na mão e fazemos uma mesa-redonda ou quadrada e em reuniões de dois minutos ou de dois dias tomamos decisões e nenhuma tem vigência, nenhuma tem impacto na realidade concreta; estamos em outro mundo, há dois mundos, a realidade é outra. Dizia Bolívar, cuidado com as repúblicas aéreas, que estão no papel, mas desconhecem uma realidade. Não é integrável este continente, a América do Sul - quando falo de continente,

falo da América do Sul, porque não acredito que seja integrável a América do Sul com a América do Norte tal como foi proposto.

Assinar a ALCA como foi proposto, já faz quase 5 anos que digo, desde a reunião aquela de Québec, quatro anos, seria assinar o atestado de óbito de nossos povos, quer dizer de nossos filhos, eu tenho uma filha de 6 anos e uma neta de 5 anos e minha filha mais velha está grávida e em uma semana, outro neto, e seria assinar o atestado de óbito deles. Seria dar a nossos filhos e netos o passaporte ao Quinto Inferno, dizia Dante Alighieri que existem cinco infernos. A gente pode chegar ao primeiro e a coisa não é tão grave, depois pode voltar, ou ao segundo, já é um pouco mais difícil, o terceiro muito mais difícil, o quarto é muito difícil, mas à porta do Quinto Inferno, diz Dante, há um letreiro, incandescente, é lógico, que diz: aquele que entra aqui, perca toda esperança.

A ALCA seria assinar, não para nós, que já vivemos, eu tenho 49 anos e sou homem e já vivi, agora, Rosinés, minha filha de 6 anos, não viveu. Eu tenho algum direito de assinar o atestado de óbito dela e de seus sonhos de viver num mundo melhor? Ou será que tenho a obrigação de lutar por esse futuro dela e delas e deles, dos pequenos que estão nascendo agora mesmo e que nascerão nos próximos dias, nos próximos anos? Tudo isso deve ser pensado.

Então, na Venezuela estamos concebendo a integração de outra maneira. Devo dizer-lhes algo que é muito alentador para nós, quando comecei a assistir às reuniões de Presidentes, lá por 1999, na verdade me sentia quase solitário nessas reuniões, quase solitário. Em uma ocasião cheguei a levantar-me e disse, bom, aqui estamos falando entre surdos, porque as pessoas não queriam debater um tema, a dívida externa, por exemplo, um tem que temos que debater.

A Venezuela, nem sequer falo por meu país, não é o caso mais grave no continente latino-americano, mas para dar-lhes uma idéia, quando chegamos ao Governo, a Venezuela tinha uma dívida de 25 bilhões de dólares, mais ou menos, dívida externa. Pagamos, ainda em tempos da sabotagem petroleira, quando os terroristas internos, apoiados por seus aliados internacionais sabotaram refinarias, sabotaram oleodutos, sabotaram portos e passamos mais de um mês sem exportar uma gota de petróleo, o que fez com que perdêssemos 10 bilhões de dólares. Nesses dois meses tivemos que comprar gasolina, pela primeira vez em nossa história, apesar disso pagamos a dívida, os compromissos, pagamos, desses 26 bilhões da conta inicial, quase 20 bilhões de dólares e devemos quase o mesmo valor. Que maravilha! Devemos quase o mesmo valor!

Isso é ético? Que responsabilidade têm os credores nisso? Eles são inocentes, enquanto às vezes, como Presidente, a gente anda buscando um milhõezinho de dólares para umas escolas lá que não têm água ou uns 5 ou 10 milhõezinhos de dólares para aumentar a aposentadoria dos idosos. No entanto, é preciso pagar em um ano 4 e 5 bilhões de dólares de uma dívida que, além do mais, não se sabe muito bem se é legal e aqueles que a assumiram pela Venezuela não estão mais por lá. Estão vivos, sim, estão muito ricos, vivendo no exterior, muito ricos, com muito dinheiro.

Então, quando se propunha esse tema, era como se o diabo estivesse presente ali. Então, eu, um dia, quebrando o protocolo, bom, quase nunca o sigo, mas nessas Cúpulas há tempos e coisas, eu pedi um direito de palavra extraordinário e não disse que já ia embora, não, eu disse: não me vou daqui, eu quero dizer algo, pois, em minhas palavras que não estavam escritas – aqui tenho algo escrito, mas não vou ficar lendo – falei da dívida externa e da importância de dar uma repassada entre o grupo de Presidentes apenas, não havia imprensa nem nada, nem um fofoqueiro que fosse, e olhem que mal dito

isto, não, nós sozinhos e não se queria debater, nem o tema da dívida, nem outros temas quentes de nossa realidade dura e difícil de hoje.

Hoje, por outro lado, não só nas reuniões privadas se fala desses temas, hoje se ouve, como ouvimos o Presidente e amigo Kirchner, em seu discurso de posse, dizer com toda a coragem em nome de um povo golpeado como o argentino, falido como a Argentina, palavras textuais do ex-presidente Duhalde, à Argentina aplicaram a fórmula mágica, quase exata do laboratório neoliberal, aí está o resultado. Aquele que não quiser ver, pois que não veja, aquele que tenha coração, que coloque ali a mão, mas esse era o exemplo que até poucos anos nos propunham. A Argentina vai para o primeiro mundo direto, mentira, ia para o Quinto Inferno direto, sem escala. Afortunadamente, os povos reagem, apesar da grande manipulação da mídia, alienante, destorcida, os povos reagem à dor, ao impacto da crise.

Então ouvíamos o Presidente Kirchner dizer que a Argentina pagará se for bom para a Argentina. Esse tema é um dos grandes temas que devem ser debatidos e é preciso mudar o tratamento subalterno que demos a esse tema e não aceitar condições verdadeiramente indignativos no tratamento desse tema e de muitos outros temas.

Então, hoje, afortunadamente, já não sentimos, nós os venezuelanos, que andamos com este projeto e percorrendo estas terras e conhecendo e reconhecendo-nos, não nos sentimos já quase solitários como nos sentíamos há cinco anos atrás, os ventos sopram e sopram e sopram e continuarão soprando.

Qual é nosso conceito? Brevemente, a integração, nós a vemos um pouco assim como em três âmbitos, e deixo esta idéia para reflexão. Em primeiro lugar, ou o primeiro âmbito, é a integração endógena, é a integração por dentro de cada país.

A Venezuela, por exemplo, ainda tem e terá por um tempo, de vários anos, graves problemas de integração dentro dela mesma. Como vai se integrar uma peça desintegrada a um corpo maior? É impossível, simplesmente impossível. Não há integração possível com os níveis de desintegração que temos dentro de nós mesmos e, quando falo dessa desintegração interna, refiro-me à desintegração territorial, o território visto como entidade, desintegrado, dividido por dentro, desintegração política. Na Venezuela, por exemplo, assumindo um conceito e um termo que nos parecem válidos e os pegamos aqui, inclusive, mas com outra visão, a descentralização, mas em nome da descentralização mal-entendida e pior praticada da Quarta República Venezuelana, que havia gerado várias republiquetas em uma República.

Que perigosa é a descentralização mal-entendida. Recordo que numa ocasião em um ato público em meus primeiros meses de Presidente, tive que recordar a um governador de um Estado qualquer da Venezuela, recordar-lhe publicamente, diante da imprensa e tudo, que eu era o Presidente da Venezuela, não apenas de Caracas, também ali naquela cidade. Porque começaram a nascer os caudilhos locais e, bom, uma constituição local, sim, trata-se de uma federação, mas bem-entendida. Há uma soberania nacional, nenhuma entidade local e regional pode estar por cima da soberania nacional ou da grande lei nacional, isso estava ocorrendo na Venezuela, e ainda há restos do passado, custou muito, custou muito.

Uma divisão interna, uma desintegração do Estado, um Estado desmantelado, esquartejado e despedaçado que só agora, com esta nova visão, repito, vimos reintegrando o Estado e trazendo à luz um novo Estado, como diz aqui, deve ser a República da Venezuela, no Artigo 3, um Estado democrático e social de direito e de justiça, criando instituições ou recriando-as ou salvando-as, rearticulando-as, mas o Estado produto da

visão neoliberal aplicada com empenho, bom, o Estado foi diminuído, dividido e desarticulado.

Que bom quando, ontem, o Presidente Nicanor Duarte, em seu muito bom discurso, lá em Assunção, falava da necessidade de retomar o Estado como líder, como guia, como orientador e como impulsionador, como motor não apenas da economia, porque o dilema não é Estado – Economia, é a sociedade, construtor de uma nova sociedade deve ser o Estado. Nisso o neoliberalismo fez muitos danos. Estado para quê? Um pouco como a pergunta aquela de Planejamento para quê? Estado para quê? Empresas do Estado para quê? Diziam-nos. Nacionalismo para quê?

Algum intelectual venezuelano uma vez escreveu um artigo dizendo que eu sou novecentista, porque sou patriota, nacionalista. Eu sou. E resulta que depois – isso foi há anos já – nos conhecemos em alguma reunião social e eu lhe disse: o senhor tem razão, eu sou novecentista, sinto que é preciso buscar no século XIX o que ficou perdido, o projeto da pátria grande; a Grande Colômbia ficou, foi desintegrada, foi cortada em pedaços, foi sepultada, foi traída, hoje é preciso retomar esse projeto e, lógico, dar os toques do tempo, porque o espaço é o mesmo, e o tempo não é muito passado, nem sequer 200 anos, muitas daquelas propostas hoje têm ainda valor. Aplicar-lhe nossa inventividade, atualizá-lo e dar-lhe maior valor e, sobretudo, a projeção ao século XXI.

Então, esse primeiro âmbito, assim concebido por nós, é a integração por dentro, cada país deve julgá-la, respeitando a soberania de cada um, mas cooperando nessa reintegração, e entendendo a soberania de cada um e a forma que cada um e cada povo e o ritmo que cada um pode imprimir a esse processo de integração por dentro.

Há pouco, eu, por exemplo, reclamava isso publicamente a um Governo irmão e amigo, que tem sido muito fraco na hora de impedir que em seu território se fomentasse uma conspiração contra a Venezuela. Ou também outros lugares, aonde vêm funcionários dos Estados Unidos dar declarações e às vezes até fazer ameaças contra a Venezuela. Ou seja, creio que temos que exigir respeito por cada processo, por cada particularidade, entre os vizinhos, não? Porque é algo assim como que os senhores e eu somos vizinhos, aí no bairro e, então, eu permito que na minha casa venha algum convidado e jogue pedras nos senhores, bom, que vizinho sou eu? Que vizinho sou eu?

Mas, falava, então, do processo de integração. A integração social é fundamental, é o mais importante, é mais importante que o território, é mais importante que o Estado, a sociedade, os excluídos, dizia Rojas Penso há alguns minutos, e o que vamos fazer com os excluídos? A ALCA tem alguma proposta para os excluídos de sempre, que são milhões? Eduardo Galeano, quando escreveu as Veias Abertas da América Latina, creio que falava de 150 milhões no olho do furacão ou da tormenta. Hoje são muitos mais, como 200 milhões de latino-americanos e caribenhos. Que plano existe para eles? Que plano existe para eles? Não será o plano que um golpista venezuelano explicava na televisão depois do golpe de abril, e o golpe continuou, porque foi um golpe continuado até dezembro e janeiro e se converteu em golpe militar, petrolero, mediático; as televisões privadas apoiando o golpe, e não fechamos nenhuma, aí estão ainda, mas há processos abertos. Esse é outro problema que temos, os meios de comunicação nas mãos de oligarquias, quando chega um Governo e não se entrega a essa oligarquia, então é guerra contra esse Governo e terrorismo contra um povo, um caso típico é o venezuelano.

Os quatro cavalheiros do Apocalipse é como são nas ruas da Venezuela os quatro maiores canais de televisão privados de meu país. Verdadeiros instrumentos do golpe, da chantagem, do terrorismo. Esse é outro tema, porque acho que a Venezuela não é um caso

único, esperemos apenas que os ventos sigam soprando e veremos. Veremos que os ventos de mudanças continuam soprando. Pois bem, a inclusão, a reintegração social, os pobres, os marginalizados de sempre, dizia um desses golpistas quando lhe perguntava algum bom entrevistador: bom, mas por que vocês continuam dizendo, depois do golpe, que o Chávez tinha que sair? Já tinha que sair? E perguntava o jornalista: “pois bem, já não se foi? Pois vocês já não o levaram a uma ilha e entre 5 e 8 milhões de pessoas saíram às ruas a pedi-lo de volta, com a Constituição nas mãos?” Então perguntava o jornalista: “o que vocês vão fazer com esses milhões de pessoas?” E aquele fascista disse, e expressou o que essa oligarquia tem aqui certamente, disse: “Não, deles se encarregará o exército”. Um pouco a doutrina aquela de segurança nacional que se aplicou aqui. Daqui, desta tribuna, quero enviar um cumprimento a meu General Líber Seregni, soldado desse povo que soube enfrentar os gorilas e deu um exemplo de dignidade aos soldados destes povos e desta terra.

Mas há fascistas por aí, as oligarquias recorrem ao fascismo quando sentem que a democracia, como eles a entendem, já não é possível, democracia para uma minoria é o que eles querem e ditadura para as maiorias. Negação das maiorias. Repressão quando seja preciso reprimir, creiam-me, que eu vivi momentos muito duros em minha vida, talvez o mais difícil tenha sido depois do Caracazo. O Caracazo, aí começou esta etapa da história venezuelana, o plano do Fundo Monetário Internacional. Bendito seja Deus!

O Fundo Monetário Internacional, que nefasto foi o Fundo Monetário Internacional! Também temos que discutir isso, para ver se vamos continuar submissos aos mandatos do FMI, ver que legitimidade tem o Fundo Monetário Internacional para dar ordens a países soberanos. Pois, à Venezuela deram ordens e aplicaram, em 89, as políticas de choque, assim chamadas, de choque. Bom, foi um choque, uma explosão, e a nós, soldados da República, nos deram a ordem: “é preciso parar esse povo que saiu a protestar, a exigir” e houve um massacre, até crianças e velhos morreram pelas balas dos fuzis de soldados venezuelanos e das forças policiais venezuelanas.

Então, dizíamos, os soldados bolivarianos nos quartéis, aquilo gerou uma resposta de indignação e de furor na juventude militar, sobretudo, e na corrente bolivariana à que eu pertenço desde quase menino. Dizíamos nos quartéis, caiu sobre nós a maldição de Bolívar, além de tudo o que ocorreu, maldição de Bolívar, porque em alguma ocasião Bolívar escreveu: “Maldito seja o soldado que volte as armas contra seu próprio povo, maldito seja”.

As armas de um soldado devem estar a serviço dos interesses de um povo, não para massacrar seu próprio povo como se fosse um exército invasor, em seu próprio território. Esse foi o papel que designaram a boa parte das forças armadas latino-americanas no século XX e esse é outro tema que é preciso tratar, esse é outro tema, o papel dos militares neste tempo. Também estava desarticulada na Venezuela a força armada, por um lado, e a sociedade, por outro. Hoje estamos em processo de união cívico-militar.

Os indígenas, os meninos de rua, o que fazemos com eles? Os que ficaram sem escola, os analfabetos. Ontem à noite eu passei em revista, com Fidel, um plano dos tantos que Cuba e a Venezuela estamos adiantando; nunca me cansarei de agradecer ao povo cubano e a seu líder, Fidel, porque com tudo o que Cuba sofre, com os rigores desses últimos tempos, sobretudo na área econômica, ainda assim, aí está Cuba, dando exemplo de cooperação. A Venezuela tem, como herança do passado de exclusão, mais de 1 milhão de analfabetos. No ano passado decidimos entrar nesse problema, mas a fundo, porque vimos ativando planos, mas tradicionais, com os métodos tradicionais e não logramos passar nunca de 20.000 analfabetos alfabetizados por ano. Mas quando me

mostraram no ano passado as cifras do censo, do último censo nacional, e há mais de 1 milhão de analfabetos, então decidimos elaborar um plano extraordinário.

Pedimos ajuda a Cuba. Cuba tem experiência nisso, não há analfabetos em Cuba. Já há muitos anos eles acabaram com esse problema e têm prêmios outorgados pela UNESCO nessa e em outras áreas, como a saúde, por exemplo. Esse país irmão, o quanto me alegro de vê-lo aqui representado nesta Mesa, porque democraticamente de outras mesas não pode participar, “democraticamente”. Com o apoio de Cuba, de assessores, Fidel enviou até televisores e uns cassetes e um método chamado: “YO SÍ PUEDO”. Nós o venezuelanizamos, é lógico, num esforço conjunto, cívico-militar, num voluntariado nacional, PDVSA, agora nas mãos do Estado realmente, cooperando os estudantes das Universidades, foi um chamado nacional e é impressionante o resultado. Em apenas três meses de preparação, em 1º de julho começou o plano, que chamamos de Missão Robinson, em homenagem a Simón Rodríguez, aquele grande filósofo que, entre outras coisas, foi professor de Bolívar, mas não é que foi professor de Bolívar, isso é uma forma pejorativa de se referir a ele. Foi o grande Simón Rodríguez, Bolívar o chamou Sócrates de Caracas, um grande filósofo, revolucionário, pedagogo. Pois, Simón Rodríguez, em sua honra, em sua memória e por seu legado, demos o nome de Missão Robinson.

Em 1º de julho começamos as aulas com 100.000 venezuelanos e venezuelanas; nos bairros mais pobres, em casas, em qualquer galpão, aí chegou a Missão Robinson, compramos mais de 100 plantas elétricas para levá-las aos lugares mais remotos. O televisor, os vídeos, um grupo de facilitadores, as cartilhas, os livros, os lápis, o papel e a vontade, acima de tudo a vontade. A partir de 1º de julho, apesar de que estávamos entrando em época de férias, fator de risco para o plano. Anteontem, quando estávamos saindo, deram-me uma relação que mostrava que estamos chegando a 800.000 venezuelanos e venezuelanas. Vi idosos de 95 anos sentados, aprendendo a ler e a escrever, e vi crianças de rua, vi prisioneiros, nas prisões, aprendendo, é um esforço nacional.

Bem, de 25.000, média máxima normal ao ano, este ano vamos chegar seguramente a 1.000.000 e, além de aprender a ler e a escrever em dois meses, com métodos muito modernos e não como antes, porque eu fui alfabetizador em 62 ou 63. Mas, naquela época, se ensinava com uma cartilha um camponês a ler assa, passa, paca, macaca e pronto, quando ele sabia dizer, assa, passa, macaca, maracá, e sabia escrever seu nome “Juan”, pronto. Alfabetizado. Não, isso é uma mentira, isso é uma fraude. Agora estão aprendendo de verdade a ler e a escrever, estão abrindo-se a um mundo. Ontem à noite, estávamos revisando, precisamente, como fazer para começar a segunda fase da missão Robinson – já temos a data, 28 de outubro, em homenagem a Simón Bolívar, esse é o dia de seu santo – esse milhão, a primeira parte do milhão, que serão os 100.000 que começaram em 1º de julho, começarão a educação básica, da primeira à sexta séries. E, em dois anos, devemos estar já com a educação básica completa, tudo com métodos muito modernos, utilizando inclusive a telemática.

Esse é um exemplo de como é necessário integrar o país por dentro. Como um país vai se desenvolver com um peso tão grande da população analfabeta? No nosso caso, um milhão e pouquinho de pessoas. Bem, quanto é isso? 5% da população, mas há países que têm até 15% de analfabetismo.

Eu proponho, senhor Presidente, que além de continuar trabalhando, eu não nego a importância e a necessidade de seguir trabalhando com muita paciência, sem correria, isso sim, porque é algo tão sério que não pode ser correndo, na área de livre-comércio, não acredito que tenhamos que fixar uma data, não, isso tem um ritmo próprio, que também

enfrentemos o analfabetismo. Para isso sim temos que fixar datas e prazos, urgentes todos, não para a zona de livre-comércio, mas para o que eu chamaria “zonas livres de”, zona livre de analfabetismo, digamos, em dois anos. Nós podemos fazê-lo, com o caso venezuelano está-se provando que se pode fazer, sim, e outros países tiveram muitos êxitos anteriores, muitos. Modestamente, eu exponho o que estamos vivendo agora mesmo na Venezuela. Nunca se havia tido esse problema, mas, com a experiência de muitos países aqui representados, unindo-nos todos, tenho certeza de que nós, em 2005, se nos propuséssemos como uma fortíssima e irredutível vontade política e utilizando não muitos recursos, tampouco, não muitos, não, com poucos recursos econômicos, mas com o grande recurso da vontade unitária e do trabalho, e chamássemos nossas coletividades, as classes médias, dêssemos um papel social aos militares, muito maior do que o que tiveram até agora, porque é uma força importante a força armada – também dizia ontem o Presidente Nicanor Duarte e eu o aplaudi muito, como soldado – é preciso reivindicar o papel libertador de nossas forças armadas, porque no século XX as converteram quase todas em forças de ocupação, e elas foram odiadas por nossos povos. Eu posso dizer, hoje, como soldado, e dou graças a Deus que me permita dizê-lo: o povo venezuelano hoje ama seus soldados, os ama; antes os temia, há 5, 8, 10 anos atrás, ver um soldado... O povo temia os soldados, hoje os ama, porque eles andam junto com o povo. Por que não nos fixamos um prazo?

Já estou entrando no segundo âmbito da integração, como a vemos, a integração regional. Não é possível, irmãos e irmãs, mas não é possível mesmo, que possamos nos integrar com outras regiões do mundo – que estão, ademais, anos-luz a nossa frente em nível de desenvolvimento e de vida – com os altos graus de desarticulação e de desintegração social, política e econômica que temos em nossa região. Vamos fazer isso com calma. Não nos deixemos arriar como se fôssemos um rebanho de gado, como o cavalo quando lhe cravam as esporas e o fustigam com o rebenque. Nós não somos bois nem cavalos, somos seres humanos. Não nos deixemos arriar, já nos arriaram demais. Sejamos nós mesmos, tomemos a coragem de nossos povos, que souberam enfrentar tudo o que enfrentaram com dignidade. Temos isso no sangue, vamos tirá-lo para fora, que flua a coragem histórica da América Latina. Que não valham as ameaças nem as pressões.

Certa ocasião, na Cúpula do Canadá, eu disse o que queria dizer, o que achei que tinha que dizer. Em nome de meu Governo, e após discussões em Caracas, dentre outras coisas, disse que a Venezuela não pode assinar isso de 2005, da ALCA. Em primeiro lugar, porque esta Constituição, e a mostrei também – alguns se retorceram muito, creio que alguns rasgaram a cadeira – esta Constituição diz que todo assunto de transcendência nacional deverá ser submetido a referendo popular. Eu não posso tomar uma decisão por 23 milhões e não só 23 milhões, por 100 milhões, contando com os que vão nascer no século XXI. É preciso consultar seus pais, suas mães, os professores, a todos, e ver se estão de acordo com isso da ALCA, assim que, como eu vou afirmar que a Venezuela assinará antes de 2005? Não, eu não posso assinar isso. E depois algum bom amigo me disse: “Chávez, que bom o que disseste”, e eu lhe disse: “E por que tu não o disseste também?”. Houve silêncio; às vezes há temores, às vezes, muita confusão, ilusões.

Dizia Simón Bolívar quando era um jovem Coronel apenas, em Caracas, quando alguns diziam, os mais conservadores, um patriota. Isto não é condenável, são patriotas, mas dizem que devemos ir com calma. Vejamos as coisas com calma, diziam alguns. Tratava-se de declarar a independência da Espanha, o rei estava preso, como sabemos, por Napoleão, e Bolívar levanta-se e dá um discurso, o primeiro que se conhece daquele jovem, e diz: “como vamos ver isto com calma? Não bastam 300 anos de calma?”, e terminou dizendo, “coloquemos sem temor a pedra fundamental da liberdade sul-americana. Vacilar é perder”. Hoje atrevo-me a usar essa frase de meu General Bolívar.

Coloquemos sem temor as novas pedras fundacionais de nossa liberdade, vacilar seria perder nossos filhos, empurrá-los pelo despenhadeiro. Eu creio que chegou a hora. Chegou o momento de fazê-lo, coube a nós fazê-lo. Não é transferível esta responsabilidade, é nossa. Quis o tempo e o espaço que fosse nossa. Façamos, como tiveram coragem de tentar muitas gerações antes de nós, ainda que não tenham conseguido. Creio que, como nunca antes, em muito tempo, é possível agora. Creio que, como nunca antes, é possível agora.

Ontem falava o Presidente Duarte também, do mundo pluripolar. Começa a aparecer este termo, antes quase ninguém se atrevia, só se falava da nova ordem econômica internacional, da globalização. Que globalização? Uma globalização para esconder um neo-imperialismo? Falemos claro. Como se pretende, por exemplo, que os agricultores venezuelanos compitam em pé de igualdade com o agricultor dos Estados Unidos, subsidiados, apoiados, com um alto nível de produtividade, com a ciência e a tecnologia? E nós estamos por lá ainda com escolas de burros. Há pouco fui visitar uma escola de burros, parece que os burros não são tão burros, ao menos dizem os professores que aprendem mais rápido que os bois, assim que o boi saiu perdendo aí. Há escolas de burros na Venezuela, lá pelas savanas de Apure. Para quê? Para os camponeses arar com burros. Fazia 20 anos, na Venezuela, que nenhum governo... Porque, claro, o neoliberalismo, pois o mercado acerta tudo, diziam, então. Os governos haviam se esquecido que era preciso dar crédito aos camponeses, não? Aos produtores, e que eles necessitam maquinarias, de forma que o parque de tratores e maquinaria industrial para os pequenos e médios produtores na Venezuela estava virado em ferro velho. Graças ao Governo do Brasil, tanto do atual, de Lula, como do anterior, de meu bom amigo, o Presidente Cardoso, e ao Governo chinês de Jiang Zemin e, agora, o novo Governo chinês, e aos convênios que nos permitiram equipar-nos em pouco tempo de milhares de tratores que aí estão, e os estamos dando a crédito ao pequeno produtor, mas, sobretudo, em cooperativas, seguindo aquilo de Cristo: “quando estiverem juntos e vivendo como irmãos, estarei com vocês”. Não se trata da solução individual, de um trator para cada um, é impossível, é um trator para o grupo, para a cooperativa, para a associação.

Então, é um processo de integração para dentro, que deve ser paralelo. Aí é que vou pedir-lhes, Rojas Penso e senhor Presidente, que nos ajudem; pedimos ajuda nesta discussão. Queremos esta discussão, que não continuemos assumindo que o único modelo viável é o que trazemos como herança pesada, as zonas de livre-comércio. Eu não me distanciei, nem me distanciarei do debate do livre-comércio. Muito pelo contrário, estivemos estudando muito, estamos estudando muitíssimo, preparando-nos para a reunião da OMC, em Cancun. E conheço todos os temas, ensinaram-me esses bons amigos, economistas, planejadores. Chamamos, pedimos ajuda a outros países e está muito mais claro hoje para nós do que se trata. Este é outro perigo, a OMC. Outro grande perigo, porque é o neoliberalismo, com suas armas imperiais, institucionalizado, que pretende desconhecer as Constituições de nossos países. Como se vai renunciar às chamadas compras do Estado? Nós não podemos renunciar a isso, para que nos invadam com capitais, bens, serviços? Como se vai renunciar à soberania de um país, ao direito de todo Governo de definir sua política própria, com base em suas particularidades?

Não podemos renunciar a isso. A Venezuela não renunciará a isso, digam-nos o que disserem. Agora tenho a percepção muito favorável de que o mundo se levanta contra, cada dia mais, com mais força e coragem e espírito unitário contra essa pretensão.

Então, como pedimos ajuda, faremos esforços para esclarecer nossas concepções para o debate. Aceitaremos, é lógico, e não nos incomodaremos nunca quando nos digam, não, Chávez está louco. Bem, muitos o disseram, não me incomoda em nada. É uma

loucura, mas não importa, discutamos a loucura, eu acho que o neoliberalismo é uma loucura e estou disposto a discuti-lo e a debatê-lo. Esses dois aspectos devem ser trabalhados em paralelo, o interno em cada país, segundo nossas próprias particularidades e possibilidades, ajudando-nos mutuamente, como no caso do analfabetismo ou da desnutrição infantil. Ontem, por exemplo, estávamos falando à mesa sobre a aftosa, porque nos deram carne, lá em Assunção, no almoço. Aqui também, e é gostosa a carne por aqui, deliciosa. Então, Fidel, sempre subversivo, lançou uma pergunta, olha a aftosa, você tem aftosa? Ele perguntou a alguém, digamos a verdade, você tem aftosa? Então, eu recordava depois a Fidel, bom, essa é uma preocupação lógica, não é? E há planos para declarar uma região ou um país livre de aftosa, que coisa, não? E esses planos abundam e são muito bons, necessários, mas pouco vemos planos para que um país fique livre de crianças desnutridas. O que será mais grave, a aftosa no gado ou as crianças desnutridas, as crianças de rua?

Eu proponho que invertamos o termo de área de livre-comércio e que sigamos trabalhando, será preciso paciência para isso, muita paciência, porque às vezes por um queijo ou por um vinho ou pela carne terminamos brigando. Eu nunca brigarei por um vinho ou por um queijo, e mais de uma vez disse que eu não sou mercador. Eu não sou Presidente para estar vendendo vinhos ou vendendo petróleo, isso cabe ao Ministro de Minas, vender petróleo, eu não nunca vou ligar para um Presidente de um país, olha, compre-me petróleo. Eu não sou um mercador, sou um líder político, minha tarefa é política, assim entendo minha função de Chefe de Estado e Chefe de Governo. Isso tem um ritmo distinto, a união econômica é muito mais lenta, isso leva décadas, no entanto, a união política, basta um instante de coragem para assumi-la, basta um instante, basta a vontade para assumir um processo de integração política.

Então, quando digo que pedimos ajuda é para o debate e o desenvolvimento dessa tese. Nós estamos escrevendo coisas e discutindo lá. É a primeira vez que falo sobre este tema em uma reunião deste nível; tomei essa liberdade e agradeço-lhes a paciência. Mas cremos que esses dois aspectos devem ser trabalhados em paralelo e só depois de ter alcançado metas, que devem ser fixadas matematicamente. Creio que foi Pitágoras que cunhou uma frase: “Deus fala pela matemática”. Claro, a matemática!

Não podemos estar estabelecendo, como quase todos os documentos que assinei em Cúpulas Presidenciais, começando por aquela Cúpula do Milênio e todas nossas Cúpulas, bom, manifestações de boa vontade por todos lados: “lutaremos contra a fome, lutaremos contra a exclusão”. Mas depois se pergunta, e onde estão os planos? Não, ao social só se dá um cumprimento à bandeira e bons discursos, mas na hora de sentar para calcular matematicamente, aí só se olha o econômico, quantas toneladas, quantos dólares, qual é o balanço, etc. Mas nunca ou mui poucas vezes nos sentamos para calcular quantas crianças desnutridas temos e em quantos anos podemos levar a zero essas cifras.

Eu proponho que comecemos a debater esse tema, áreas livres de analfabetismo, áreas livres de desnutrição infantil, áreas livres de sem-teto, áreas livres de destruição ecológica. Eu acredito que esse é o caminho, o caminho que devemos assumir, muito antes que o caminho da integração em zonas de livre-comércio, para enfrentar com sucesso o desafio de um mundo pluripolar, disso se trata, um mundo pluripolar. Seria esse terceiro aspecto da integração ou como alguns chamam a globalização, o mundo pluripolar.

Acredito firmemente que, neste continente sul-americano e no Caribe, há suficiente potencial, primeiro, humano, segundo, natural, de riquezas naturais para que aqui se torne realidade o sonho aquele que Bolívar lançou em Kingston, na Jamaica quando fez uma carta respondendo, como ele disse, a um americano meridional: “sou o primeiro a sonhar

em ver formada nesta região do mundo a maior nação da terra, maior por sua liberdade e por sua glória do que pelas imensas riquezas que guardam suas entranhas”.

E a Venezuela pensou e propôs coisas, não é retórica isso, nada mais, não são idéias somente. E se nós, já disse cem vezes, no Brasil, na Colômbia, no Peru, no Equador: “e por que nós não podemos criar a PETROAMERICA?” Que força teríamos com uma empresa de petróleo multiestatal na América do Sul, incluindo o México, é lógico.

Agora há algumas respostas, começam a chegar respostas, mas durante quase cinco anos foi como falar com surdos. Há pouco assinamos com o Governo do Equador um Memorando de Entendimento e uma intenção de nomear uma Comissão e estudar a idéia. Alguém me perguntou em alguma ocasião: Chávez, seria uma OPEP latino-americana? Poderia ser, mas para sê-lo é preciso ver a força negociadora que tem a OPEP, que ela recuperou depois de vários anos, a OPEP não valia nada. E nisso nós tivemos um papel modesto, mas importante na recuperação da força da OPEP.

Uma PETROAMERICA com a riqueza que tem o Brasil, a PETROBRÁS; aí estão as empresas, a PETROBRÁS, a PETROTRIN – há pouco estivemos em Trinidad e Tobago – a PETROTRIN, a PDVSA, a ECOPETROL, a PETROPERU, a PETROECUADOR, para falar só do arco norte da América do Sul, onde está uma das maiores reservas de petróleo do mundo, e não apenas de petróleo, mas de algo que é mais valioso que o petróleo, de gás. À medida que passa o tempo, o gás vai adquirindo maior valor de uso e de troca que o próprio petróleo. Esse é um elemento para a nossa integração concreta aqui.

A PDVSA, quando não era do Estado Venezuelano, conformava um Estado dentro do Estado, porque aí na Venezuela realmente caiu um Governo, mas não foi o meu, foi o da PDVSA que caiu. Nós despedimos 17.000 técnicos e altos funcionários da PDVSA e agora a empresa funciona muito melhor. Nós despedimos os golpistas e os sabotadores, e alguns estão fugindo, porque têm ordem de prisão por terrorismo e sabotagem, e agora baixamos em 20% o custo da produção. Uma corrupção desmedida, salários em dólares, porque tinham que ganhar o mesmo que as empresas privadas multinacionais e parem os senhores de contar.

Mas o que eu ia contar-lhes era que em uma ocasião, por acaso, estando na Europa, fiquei sabendo que a PDVSA estava buscando vários bilhões de dólares na Europa, pedindo crédito e estavam quase conseguindo, sem consultar a República. Eles se consideravam um Estado dentro do Estado e conseguiam empréstimos de bilhões de dólares sozinhos, por sua conta, só a PDVSA. Continuamos conseguindo empréstimos, mas agora sob o controle da República.

Agora, trago esse exemplo só para que pensemos, nós, sul-americanos, quanto poderíamos conseguir de investimentos e não com condições impostas, que te dão um empréstimo e te arrancam a alma. Não! Em condições de dignidade, contra o capital que temos em petróleo e gás.

Uma multiestatal PETROAMÉRICA, ou PETROSUL – eu gosto mais de PETROSUL agora do que PETROAMÉRICA – a gente vai evoluindo nisso, não? É melhor PETROSUL, o rumo é o sul, eu gosto do Cruzeiro do Sul muito mais do que da Estrela Polar. Que lindo que é o Cruzeiro do Sul! Esse é o nosso rumo.

Artigas dizia: “a solução está aqui, entre nós mesmos”, não virá de fora a solução de nossos dramas, está aqui entre nós mesmos.

Bom, a PETROAMERICA poderia ser uma realidade. Agora, para isso é preciso um grau superior de vontade política, temos que nos atrever a fazê-lo. Se alguém por lá vai incomodar-se, bom, que se incomodem, o incômodo passa. Dizia a minha avó: “bom... ele que fique bravo, aqui em casa, com a família; tem dois trabalhos, porque terá que se contentar algum dia” e, sobretudo, quando se trata de petróleo e de gás.

Certa ocasião, quando estávamos para ir a Bagdá, de Washington, alguém disse que estavam muito irritados, porque eu iria a Bagdá, de inocente no fim, eu não sabia que depois da Guerra do Golfo nenhum Presidente tinha ido a Bagdá e, bom, ninguém foi, e veio a outra guerra e só eu fiquei anotado no livro por lá: “Chávez visitou Bagdá”. Eu fui a Bagdá para defender os interesses de meu país, lá nasceu a OPEP, e aquele Presidente Saddam Hussein era o Presidente do Iraque e com ele eu tinha que falar, como também com o Rei Faad e com Khadafi e com Buteflika e com Obasanjo, e também com os mexicanos, lá estivemos também. Eles não são da OPEP, lamentavelmente, nós gostaríamos que o México fizesse parte da OPEP, mas, bem. Deixe estar o México e sua soberania. Nós mantemos uma relação como de uma coordenação estreita tanto com Zedillo, naquele tempo, e agora com Vicente, e com a Noruega, e com a Rússia, que é um grande produtor, mantemos estreita coordenação fora da OPEP para equilibrar o mercado e obter um preço justo pelo petróleo.

Lembro-me que em Teerã, com nosso amigo e irmão, o Presidente Mohammad Jatami, dali íamos a Bagdá, e chegaram as declarações de um porta-voz de Washington: “que estamos muito irritados e que pedimos ao Presidente Chávez que suspenda sua viagem e que não poderá passar pela zona de exclusão aérea”. Eu disse: “Não, eu vou por terra, se tenho que ir de camelo, eu vou de camelo”. E perguntou-me um jornalista a minha opinião sobre a irritação de Washington. Bem, eu lhes enviarei um cremezinho desses para a irritação, para que não lhes aconteça um mal maior. Mas e o que nos importa se eles se irritam em Washington, quando se trata de ser livre? E volto a citar Bolívar naquele discurso memorável, foi em 4 de julho de 1811, que já citei antes, mas ele disse outras coisas muito importantes, como: “que nos importa que a Espanha venda a Bonaparte seus escravos, se estamos dispostos a ser livres?” Que nos importa que se irrite onde quer que seja, se está em jogo o destino de nossos povos?

Mas depois, vejam só, Clinton uma vez me disse: *I like the bands*. Porque nós propusemos aquilo, Puente Leyva, de uma banda para equilibrar os preços do petróleo, porque é uma loucura estar, num ano, o petróleo a US\$ 40 e no ano seguinte, a US\$ 5. E quando baixa tanto, subirá outra vez, como a bola, rebate, é inevitável, e quando sobe muito também, vai baixar. Uma coisa de loucos, para produtores e para consumidores, para todo o mundo. Propusemos uma banda com um mínimo e um máximo e regular o preço.

Clinton não entendia isso, primeiro dizia que era um atentado contra os interesses dos Estados Unidos, porque o preço começou a subir, porque nós começamos a reduzir a produção, reduzimos dois milhões de barris, com o acordo de todos os Presidentes da OPEP que vieram a Caracas, menos Saddam e Khadafi, que, por razões óbvias, não vieram mas mandaram seus Vice-Presidentes com plenos poderes e decidimos buscar a banda e aí está o petróleo na banda, agora a US\$ 26. E fomos ao México, à Rússia e estamos de acordo, e estamos a cada três meses em reuniões, buscando um preço equilibrado e justo, e isso é positivo para todo mundo. Afinal Clinton entendeu, *I like the bands*. Eu não falo muito inglês, mas meio que entendo, e me disse isso em Nova York.

Mas a PETROAMERICA, senhor Presidente, imagine a PETROBRÁS e a PDVSA juntas e outras mais, mas não só isso, nós propusemos também que transformemos o Fundo Latino-Americano de Reservas em um Fundo Monetário Latino-Americano. Alguém

disse: não, lá acima podem pensar que é o Fundo Monetário. Bem, então troquemos o nome, se é disso que se trata, chamemos de Fundo Financeiro Latino-Americano e vamos potencializar esse Fundo.

Potencializemos a Universidade Andina Simón Bolívar. Falando do Fundo, a proposta de unir o Fundo do Prata, existe um FONPLATA, não é? Existe um FONPLATA, existe uma Corporação Andina de Fomento, busquemos a maneira de integrar isso, para que possamos criar um Banco Latino-Americano para o Desenvolvimento. O Brasil tem um, a Venezuela tem outro, muito modesto, mas está lá para financiar o desenvolvimento, para os microcréditos, isso soluciona muito a pobreza extrema e as pessoas começam a sair dessa situação horrorosa.

Enfim, eu creio que é perfeitamente viável pensar nisso, não só viável, é necessário; e com todas as diferenças que podemos ter, temos que buscar os pontos comuns e mudar, mudar; estamos em tempos de mudanças, é necessário mudar, ou mudamos ou mudamos.

Dizia Víctor Hugo: “não há nada tão poderoso como uma idéia cuja época já chegou”. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE: Muito obrigado, senhor Presidente.

Presidente, creio que o senhor proporcionou a todos nós matéria para profunda reflexão, creio que todos escutamos com muito interesse suas declarações, suas idéias e sua visão, que acredito nos ajudará a considerar o futuro de nossos trabalhos.

Concluída a Sessão Extraordinária, em homenagem ao senhor Presidente da República da Venezuela, convido-os a assistir, a seguir, o Ato de Condecoração do senhor Secretário-Geral da ALADI pelo senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela.

Após esse Ato, teremos a assinatura do Livro de Honra de Visitantes Ilustres da ALADI e, finalmente, a fotografia dos senhores Representantes Permanentes com o senhor Presidente da República.

Eu pediria que se desse início ao Ato de Condecoração.

- Procede-se à leitura da Resolução. Ato de imposição. Palavras do senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela. Palavras do senhor Secretário-Geral.
- Aplausos.
- Assinatura do Livro de Visitantes Ilustres.
- Procede-se à fotografia tradicional.

PRESIDENTE: Damos por concluída esta Sessão Extraordinária e Solene. Obrigado.